

# APRESENTAÇÃO

Em 2016, a revista *Em Extensão* aproxima-se de sua maioridade, que alcançará no ano subsequente. Em sua quase maioridade, pode-se dizer que esse periódico se fez protagonista no contexto da publicização e da circulação da reflexão derivada das ações de extensão, constituindo-se em espaço qualificado para publicação de artigos e relatos de experiências. Por suas páginas circularam a quantidade e a qualidade da extensão que se construiu como prática no profícuo e dinâmico processo de (re) elaboração de um conceito que se prestou (e presta) à própria elaboração dos saberes e fazeres acadêmicos. É nesse contexto que este periódico se insere e se consolida.

Gláucia Carvalho Gomes  
Editora

Ao longo destes dezessete anos, a revista qualificou-se. Essa afirmação, sem receios, se dá a partir de algumas constatações: pelo trabalho técnico de atender a demandas e orientações norteadoras para todos os periódicos em circulação no país, a partir do chamado “Qualis CAPES”: circulação ininterrupta, dois volumes anuais, indexação em base de dados, não endogenia, artigos avaliados por corpo de pareceristas, corpo editorial, enfim, todos os elementos exigidos a um periódico que se quer de excelência e, principalmente, que se associa a uma instituição como a Universidade Federal de Uberlândia, pois, não nos esqueçamos, trata-se do periódico da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis dessa Universidade.

De fato, a partir de sua natureza e condição historicamente enfrentada pela extensão universitária – que precisou (ainda precisa?) provar sua importância como elemento indissociável da formação discente e da (re)produção dos saberes acadêmicos – *Em Extensão* enfrenta dificuldades para seu (re)conhecimento por Programas de Pós-Graduação, afeitos à pesquisa. E, reconhecemos, por muito tempo a extensão foi entendida e tratada (será que ainda o é, para alguns ou muitos?) como o reverso da pesquisa, como o não científico... O problema, então, nunca foi não só conhecer... foi e é, também, não reconhecer e, neste caminho, desqualificar, que, etimologicamente, significa não reconhecer ou atribuir qualidade. É essa a concepção da CAPES? Trata-se de uma questão que não podemos ou não nos cabe responder. Isso porque falamos a partir da extensão, de um lugar que tem profundo respeito e atribui alta qualidade à produção de um saber que se fundamenta na relação horizontal e protagonista de valorização dos saberes que dialogam, de um lugar que tem profundo respeito pela reprodução de um saber que se busca fazer referenciado socialmente pelas demandas e necessidades dos tempos que nos são contemporâneos. A partir desse campo, não há como não reconhecer e atribuir qualidade essencial às reflexões derivadas das experiências sobre os saberes e fazeres extensionistas universitários, a nosso ver, essenciais à formação de qualidade que se fundamenta na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A partir de seus nexos e nas tramas que vem sendo tecidas historicamente na busca do reconhecimento de sua relevância e qualidade, um dos “bons combates a serem combatidos” pela extensão universitária – e no qual a *Em Extensão* se coloca – é o reconhecimento pela CAPES dessa relevância e dessa qualidade. E, nesse processo, dispondo-se para ele, mas, colocando como questão fundamental,

que o reconhecimento da qualidade buscada se dê pelos também necessários reconhecimento e valorização das especificidades dos princípios da extensão universitária.

É essa qualidade reivindicada que se vê no conjunto de artigos e relatos de experiência que compõe esse número da *Em Extensão*. Nos dois primeiros artigos – “A extensão universitária da FAEM/UFPEL sob a ótica da extensão rural: rumo para qual desenvolvimento?” e “O papel do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam) nos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) públicos no estado do Amazonas” – tem-se a reflexão a partir de práticas sócio referenciadas por demandas prementes do meio rural. É sabido que, ao se tratar desse meio, as atividades de extensão sempre tiveram protagonismo. Se no terceiro artigo – “A Astriflores e a coleta seletiva em Florestal, Minas Gerais: em busca de uma gestão colaborativa” – o lócus de atuação é o meio urbano, o fundamento dos dois primeiros artigos se mantém: a troca de experiências e a interação dialógica, fundamentais à reelaboração dos saberes universitários que se alimentam das práticas que estão na base da reprodução societária. Já o quarto artigo – “Feira de ciências: diálogos entre ensino, pesquisa e extensão” – reafirma a relação indissociável entre os elementos que compõem o “tripé” universitário, essencial à educação de qualidade. Essência que também se revela no artigo subsequente – “Estudo epidemiológico e da qualidade da água em uma escola de ensino fundamental do município de Uberlândia, Minas Gerais: aspectos ambientais e sociais” – que tem por base a pesquisa e o ensino prévios articulados pela extensão, que possibilita ao saber acadêmico o alcance à comunidade que dele se beneficia, ao mesmo tempo em que recoloca novas questões para o avanço do ensino e da pesquisa científica.

O conjunto dos seis relatos de experiência – “A extensão universitária disseminando o empreendedorismo na educação básica: relato do projeto ‘Empreendedor por um dia’”; “‘Cinema na escola’: a experiência da inter-relação universidade e educação básica em Ituiutaba, Minas Gerais, no período 2012-2014”; “O cérebro vai ao parque: uma estratégia de popularização da neurociência”; “LiTRE-Saúde: promovendo o conceito de saúde junto à população de Niterói, Rio de Janeiro”; “(Des) encontros na rede de cuidados em saúde”; “Programa de educação continuada para prevenção e controle de artrópodes transmissores de doenças no município de Viçosa, Alagoas” – é um convite à diversidade e à riqueza das práticas extensionistas, nas quais muito de sua qualidade e complexidade se fundamenta. Por eles, revelam-se as diversidades de práticas, de ambientes, de públicos beneficiados, de demandas apresentadas... Mas todos interconectados pelos fios densos de qualidade que compõem a trama da extensão: a interdisciplinaridade, fundamental ao conhecimento; a interação dialógica, essencial à formação protagonista; a troca de saberes, primordial à reelaboração de saberes e fazeres em acordo com as demandas sociais. Fios e afios que densamente tramados contribuem – de forma indissociável do ensino e da pesquisa – para a produção de um conhecimento de qualidade referenciado socialmente.

Boa leitura!